

ARTIGO

Contribuições sociológicas de Walter Benjamin para pensar a contemporaneidade: uma breve leitura das Teses sobre o Conceito de História.

Sociological contributions from Walter Benjamin to think contemporaneity: a brief reading of Theses on the concept of History.

Leandro Machado dos Santos⁴⁸

RESUMO

Objetivamos com o presente artigo recuperar algumas contribuições sociológicas de Walter Benjamin presentes em um pequeno fragmento de sua obra, desta forma, focamos nossa atenção em um texto específico “As teses sobre o conceito de história” por entender que neste pequeno trabalho, no que se refere ao número de caracteres escritos, podemos encontrar profundas contribuições para pensar questões contemporâneas, como os processos de mudança e produção da memória social e ao mesmo tempo entender algumas determinações políticas e sociais na narração da história como se apresenta.

PALAVRAS-CHAVE: Memória social; Mudança social; Escola de Frankfurt; História a contrapelo.

1. Introdução

Gostaríamos de iniciar nossa reflexão justificando a opção por Walter Benjamin. De fato muitos intelectuais contemporâneos enquadram o autor como um pesquisador da Filosofia da História, como é o caso de Michael Löwy (2005). Outras, como Sonia Kramer utilizam suas reflexões nos estudos sobre a questão da infância, lançando mão principalmente de seus escritos sobre a questão da infância em Berlin. Na nossa perspectiva, ambos intelectuais contemporâneos são coerentes ao se apropriarem teoricamente das teses levantadas por Walter Benjamin, já que este não pode ser enquadrado em uma área de conhecimento específica, pois transita nas mais variadas áreas da produção do saber, tecendo críticas literárias, ao mesmo tempo em que elabora importantes reflexões sociológicas e filosóficas.

Embora tenha assumido uma posição de destaque enquanto um importante ensaísta, crítico literário e filósofo, suas produções vão influenciar profundamente as análises dos sociólogos da Escola de Frankfurt, especificamente na obra de Theodor W. Adorno. Esta

⁴⁸ Graduado em Ciências Sociais/Faculdade de Filosofia de Campo Grande e Mestre em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares/UFRRJ. Professor do Departamento de Educação e Sociedade da UFRRJ.

influência pode ser percebida com mais clareza quando Adorno lança sua ilustre tese sobre a Indústria Cultural (ADORNO, 2002), presente na “Dialética do Iluminismo” da década de 1940, utilizando-se de inúmeros elementos teóricos apontados por Walter Benjamin n’A obra de arte na era de sua reprodutibilidade Técnica, de 1936.

Além de sua contribuição direta na formulação do pensamento sociológico dentre os frankfurtianos, é importante ressaltar que o pensamento de Walter Benjamin pode nos auxiliar, enquanto cientistas sociais, a pensar a realidade contemporânea. Dentre essas contribuições, sua ideia de memória social presente nas “Teses Sobre o Conceito de História” se apresenta enquanto um elemento importante para entender a relação entre memória e história, seja em um sentido geral ou no que diz respeito a história do Brasil especificamente, considerando que no interior da trama histórica existem inúmeros elementos ocultos que não podem ser vistos em sua superfície, seja nas análises acerca da memória de grupos sociais de menor proporção.

Neste sentido, focaremos nossa reflexão apenas no entendimento das contribuições benjaminianas presentes nas “Teses sobre o conceito de história”. Esta escolha é meramente sistemática, pois de outra forma seria impossível entender o pensamento social de Walter Benjamin que é ao mesmo tempo fragmentado, eclético e profundo, no sentido mais radical do termo. Assim sendo, nossa intenção é sermos ao mesmo tempo didático e profundo no entendimento de um dos fragmentos do pensamento de nosso autor.

2. Sobre sua concepção de História

A história é o objetivo de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas sim um tempo saturado de agoras. (BENJAMIN, 1994: 229)

Embora nosso objetivo seja entender o sentido que a ideia de memória tem no pensamento social de Walter Benjamin presente nas Teses, essa compreensão depende de uma breve exposição sobre o sentido que assume o conceito de história neste mesmo texto, já que ambas as ideias estão intimamente ligadas.

Por se tratar de um texto de sua maturidade é perceptível a aproximação e comprometimento de Walter Benjamin com a concepção dialética da história e com a defesa aguerrida do materialismo histórico enquanto campo de produção do pensamento, capaz de oferecer elementos necessários à transformação da realidade social.

Enquanto materialista histórico entende a história como uma construção humana determinada por fatores econômicos e sociais. Desta forma, quando faz referência à história, estabelecendo as devidas considerações e distinções entre a atuação dos oprimidos e opressores

neste processo, busca evidenciar as contradições existentes entre classes sociais antagônicas, com valores, interesses e concepções particulares de sociedade.

Benjamin confronta, aqui, duas concepções da história – com implicações políticas evidentes para o presente: a confortável doutrina “progressista”, para a qual o progresso histórico, a evolução das sociedades no sentido de mais democracia, liberdade e paz, é a norma, e aquela que ele afirma ser seu desejo, situada do ponto de vista da tradição dos oprimidos, para a qual a norma, a regra da história é, ao contrário, a opressão, a barbárie, a violência dos vencedores. (LÖWY, 2005: 83)

Nesta direção, a parcialidade de classe caracteriza a heterogeneidade da história, já que, segundo Walter Benjamin (1994), as histórias dos opressores e dos oprimidos são contraditórias entre si. Pois, ao passo que os opressores/ vencedores vêem a história enquanto sinônimo de progresso, a contraface deste processo se caracteriza pela destruição da história dos perdedores/ oprimidos, silenciando progressivamente suas vozes e ao passo que soterra qualquer vestígio que possa os identificar na contagem da trama histórica, erguendo sobre os escombros de sua destruição novos monumentos de cultura. Nas palavras de Walter Benjamin (1994: 225), “todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão”.

Na mesma direção, se para os opressores a história é um todo homogêneo, acabado, impossível de ser mudada, na perspectiva dos oprimidos, orientados pela tradição marxista, a revisão do passado é única possibilidade de redimir os mortos de todas as batalhas anteriores, neste momento é possível perceber, de acordo com Michael Löwy (2005), a presença do messianismo no pensamento benjaminiano, considerando que caberia aos oprimidos o papel desempenhado pelo próprio Cristo na ressurreição dos mortos para o julgamento final. Ou seja, trata-se de lembrar o passado exumando todos os mortos e silenciados nas fases anteriores da história, isto é, na perspectiva dos oprimidos a história está aberta a novas interpretações e ressignificações, à medida que se devolve a fala às vozes que foram emudecidas no passado.

Para entender melhor este processo, na tentativa de materializar a teoria, podemos dedicar nossa atenção a um período da história do Brasil muitas vezes debatido pelos historiadores e cientistas sociais, a Ditadura empresarial-militar (1964 – 1984). Se considerarmos todas as perdas provocadas pela ditadura empresarial-militar veremos que a maior delas corresponde exatamente ao hiato histórico e político provocado pelo golpe empresarial-militar, já que este interrompe, nas análises de Roberto Schwarz (1987), um período extremamente rico em mobilizações sociais e de ocupação cultural da cena pública do país por setores ligados ou próximos ao pensamento político de esquerda.

No entanto, cabe-nos lembrar de que a saída política pelo golpe demonstra que naquele período existiam forças sociais contra hegemônicas capazes de provocar fissuras significativas na estrutura social, política e cultural do Brasil, pois, como lembra Schwarz (1987), existiam mobilizações sociais e culturais espalhadas pelos quatro cantos do país, na universidade uma releitura atualizada do marxismo – em menor proporção que as interpretações tradicionais – começa a ganhar terreno, no campo da cultura uma série de espetáculos teatrais recuperavam Brecht nas portas de fábrica ou nas praças públicas, ao mesmo tempo em que uma série de estudantes e professores da educação básica, alinhados ao pensamento político de esquerda, saíam em comitivas pelo Brasil alfabetizando os trabalhadores fabris e do campo para que eles pudessem participar ativamente da vida política do país.

Mas a história oficial narrada não revela estes fatos em todo seu potencial político, e sim como eventos atípicos que interrompem uma continuidade cronologicamente perfeita. Assim sendo, não lhe cabe nenhum destaque, já que a única função que tiveram foi tirar o país do rumo certo em direção ao desenvolvimento econômico e social, como se o futuro reservasse ao Brasil e aos brasileiros um horizonte diferente nos planos social, econômico e cultural. Desta forma, a frase estampada na bandeira nacional nunca fez tanto sentido, pois somente com “ordem e progresso” o país poderia se libertar das amarras do atraso impostas pelas práticas arcaicas da esquerda nacional, considerando que estas retiravam o Brasil dos trilhos.

A esta continuidade mórbida que rejeita a contradição e trata a história como uma consecução de fatos cronologicamente organizados perfeitamente Walter Benjamin (1994) dá o nome de história oficial. Ou seja, uma interpretação histórica que distorce o sentido da realidade à medida que omite tudo aquilo que supostamente se apresente como patológico, como anacrônico, ou melhor, como dinâmico, já que para esta perspectiva a história se resume em destacar uma série de datas e personagens ilustres. Ainda assim, de acordo com Benjamin (1994), os objetivos desta forma de interpretação estão previamente definidos, considerando que todos possuem um ponto em comum, isto é, soterrar da trama histórica todos os fatos e silenciar todos os personagens cuja voz provoque algum ruído incomodo.

3. Acerca do conceito de História a Vontrapelo

Todo pecuarista que se preze sabe que, em períodos de tempo determinado, é necessário escovar o pêlo do animal, seja para não permitir que este fique embolado seja para trazer à superfície os resíduos que se encontrem abaixo da pelagem. Só tem um detalhe quando se pretende garantir apenas uma beleza estética para o animal, o pecuarista experiente escova o pêlo

em seu sentido original, deste modo somente os resíduos que não estão presos no couro vêm à superfície, só para lembrar que na escovação estética a preocupação não está em extrair resíduos, mas em deixar o animal mais bonito, apresentável mesmo que sob o pêlo esteja acumulado uma série de corpos estranhos que possa prejudicar sua saúde. Em contrapartida, quando se busca desprender os resíduos sólidos que estão sob o pêlo ou grudados no couro animal, diferentemente do que se faz quando a escovação tem um fim meramente estético, o pecuarista experiente o escova no sentido inverso ao natural do fio, pois desta forma uma parte significativa dos resíduos que estavam presos no couro abaixo dos fios são trazidos a superfícies. De modo, o animal deixaria de ser incomodado pelas partículas ocultas, talvez invisíveis a olho nu, que o importunavam.

Esta breve exposição é na verdade uma forma didática de explicar o que Walter Benjamin (1994) chama de escovar a história a contrapelo, pois assim como a escovação da pele do animal deve ser a narração da história. Se o objetivo da interpretação é dar um olhar meramente estético aos fatos sem elencar os acontecimentos e sujeitos que estão ocultos sobre a pelagem densa das narrações oficiais, podemos necessariamente nos contentar em narrar a história exatamente como podemos perceber ao observar sua superfície.

Em outra direção, se ao invés quisermos mostrar além do que podemos perceber observando somente a superfície, teremos que fazer um esforço semelhante ao do pecuarista experiente, que escova o pêlo do animal em um sentido contrário, na tentativa de revelar aquilo que os olhos, orientados por uma postura tradicional, não podem ver. Este esforço, doloroso por sinal, traz à cena personagens longamente esquecidos e eventos interrompidos com violência, cuja memória fora soterrada com “um amontoado de ruínas que crescem até o céu” (BENJAMIN, 1994: 226), e acumula desde fatos omitidos, a corpos mutilados e vozes silenciadas.

4. Acerca da ideia de Memória

O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. (BENJAMIN, 1994: 223).

Primeiramente gostaríamos de deixar claro que quando pensamos a ideia de memória presente nas Teses sobre o Conceito de História de Walter Benjamin tratamos somente da ideia e não de um conceito constituído, já que o autor parece não ter a preocupação de sistematizar uma categoria de análise, mas levantar uma série de questões acerca do conceito de história.

Dito isso, começaremos com uma breve análise da epígrafe acima, entendendo ser justamente neste fragmento que o autor apresenta sua primeira contribuição para pensar a ideia

de memória. No fragmento Walter Benjamin (1994) faz referência ao passado afirmando que este traz em si um índice misterioso. Pois bem, refletindo de modo um pouco mais profundo chegamos à conclusão que neste fragmento nosso autor nos aponta uma série de caminhos a seguir. Neste sentido, tomamos a seguinte direção, se o passado é um índice misterioso, o que Walter Benjamin entende por índice misterioso?

Para honrar a tradição começaremos com uma breve metáfora. Imaginemos um trabalho acadêmico qualquer, suponhamos que no índice deste trabalho contenha somente a descrição dos capítulos, imagine ainda que em cada capítulo exista uma série de subtítulos que não estão citados no índice geral. A partir desta situação hipotética percebemos que somente pela leitura do índice como consta no início do trabalho é impossível identificar todos elementos presentes em cada capítulo, já que embora existam apenas referências aos títulos principais, em cada capítulo existe um número considerável de subtítulos que não estão expressos. Assim sendo, somente terá conhecimento destas informações quem se debruçar sobre o trabalho com uma leitura criteriosa, ou seja, este índice oculto só poderá ser descoberto à medida que revelamos o trabalho em seus pormenores. Deste modo, assim como na interpretação do trabalho, a história para ser interpretada requer um esforço aprofundado de quem pretende assumir tamanha responsabilidade, considerando que nem todas as informações que se buscam estarão presentes em um índice claro e transparente. Isso não significa que os subtítulos tenham deixado de existir, mas que algumas interpretações os tornaram ocultos, já que revelá-los exige um movimento de aprofundamento ainda maior, pois tais revelações empurrariam o passado para a redenção.

Percebe-se então que, para Benjamin (1994), o passado pode ser recuperado, porém sua recuperação exige um aprofundamento progressivo e radical sobre o processo histórico, já que assim como a construção de um índice em que as informações presentes passam por um processo de seleção, a memória social também é seletiva, como nos fala Michel Polack (1989), e é justamente esta seleção que faz com que as interpretações acerca de um mesmo momento histórico sejam distintas, considerando que cada interprete, ao construir suas análises, está imerso em um contexto social, político, cultural e ideológico maior, o que influenciará profundamente suas construções teóricas acerca da realidade. Nesta direção, a revelação da memória exige primordialmente um posicionamento político, pois dependendo da posição social ocupada, seja vencedor ou vencido, cada um recuperará a memória a seu modo, selecionando os eventos e personagens que merecem destaque, e ao mesmo tempo a forma como tudo será exposto.

A segunda contribuição benjaminiana que queremos trazer a luz é de que o passado, passível de recuperação a medida de que desvela seu índice misterioso, não está em segurança caso as interpretações oficiais atuais continuem seu processo de soterramento. A partir daí os corpos,

em acelerado processo de decomposição, e que deveriam ser exumados receberiam mais e mais camadas de escombros sobre si, o que dificultaria significativamente a recuperação da memória vivida, pois “O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer”. (BENJAMIN, 1994: 224).

Permitindo-nos usar mais uma metáfora, é como se os mortos do passado fossem submetidos a uma segunda morte, ainda mais cruel e talvez mais violenta do que a primeira, ou seja, a morte pelo esquecimento que condena ao desaparecimento todos os indignos de serem lembrados na narração do processo histórico. O que transformaria a história em lugar repleto de tempo homogêneo e vazio (BENJAMIN, 1994), cuja narração é monótona e sem significado, pois dela fora tirada toda sua complexidade, seus conflitos, sua dinâmica. Nesta perspectiva, percebemos então que a memória é seletiva e pode ser perdida se não for recuperada a tempo.

“Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (BENJAMIN, 1994: 224). Sabendo que existe uma seleção na recuperação da memória / história, a articulação entre presente e passado não pode ser feita sem que se observe a devidas particularidades históricas, já que a história não se repete a não ser como farsa (MARX, 1978). Isso significa que, para Walter Benjamin (1994), a articulação entre passado e presente pode ser feita mesmo que não se conheça integralmente o passado como ele se apresentou ao longo do processo, pois um conhecimento profundo de um de seus fragmentos pode ser suficiente para abastecer o presente. Considerando que “a verdadeira imagem do passado perpassa veloz”. (BENJAMIN, 1994: 224), e por isso não pode ser conhecido integralmente.

5. Considerações Finais

Nesta perspectiva, a potencialidade teórica do pensamento filosófico e sociológico de Walter Benjamin contida nas Teses sobre o Conceito de História está na capacidade dos oprimidos em capturar a imagem do passado que surge como um lampejo diante de seus olhos, já que este passado em pouquíssimos momentos se apresentará de forma clara. Mas este pensar efêmero aprisiona, ou melhor, imobiliza a realidade trazendo à luz todo conjunto de contradições e tensões, obrigando-a se mostrar claramente por alguns instantes, revelando sua verdadeira face.

Deste modo, ao perceber este fragmento claro de história, mesmo o entendendo como uma experiência única se apropria deste material explosivo, “suficientemente viril para fazer saltar pelos ares o continuum da história” (BENJAMIN, 1994: 231). Tal movimento de reflexão crítica

e apropriação da memória é capaz de interromper o fluxo das coisas como se apresentam, promovendo mudanças profundas na realidade social. Ao abastecer o presente com este material pirotécnico, os oprimidos, transformariam não só o presente, mas também e principalmente o passado, já que neste momento estaria redimido e vivo ao mesmo tempo como história e memória.

Assim sendo, Walter Benjamin (1994), a partir das Teses oferecem elementos efetivos para entender as determinações políticas e sociais presentes na narração dos fatos históricos, em adição, simultaneamente produz caminhos metodológicos, teóricos e políticos para analisar os processos de mudança social e os agentes desta mudança, associando sua herança messiânica ao pensamento marxista clássico. A originalidade de seu pensamento, sua radicalidade e pessimismo diante da ideia estática de progresso científico e econômico homogêneo, certamente influenciaram decisivamente os rumos da produção sociológica dos frankfurtianos, seja a partir de Theodor Adorno e Max Horkheimer ou nas reflexões de Herbert Marcuse e ainda hoje atraem olhares e atenções, já que se trata de um pensamento que é atualizado cotidianamente à medida que oferece elementos efetivos para entender questões atuais.

6. Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor W. *Indústria Cultural e Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. (Coleção Leitura, nº 51)

BENJAMIN, Walter. *Teses sobre o conceito de história*. In: *Magia e Técnica; Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio; uma leitura das Teses sobre o Conceito de História*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARX, K. “O 18 Brumário de Luís Bonaparte” In: *Manuscritos Econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. Seleção de textos de José Arthur Giannotti; tradução de José Carlos Bruni et al. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?* São Paulo: Cia das Letras, 1987.